

## Sujeito-Velho e Pandemia: modos de subjetivação e controle da vida

**Jaira Picanço Duarte**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências – Universidade Federal do Rio Grande – FURG/RS

✉ [jaira@furg.br](mailto:jaira@furg.br)

**Paula Corrêa Henning**

Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS/RS, docente pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG/RS.

✉ [paula.c.henning@gmail.com](mailto:paula.c.henning@gmail.com)

Recebido em 21 de dezembro de 2021

Aceito em 12 de setembro de 2023

### Resumo:

O presente artigo propôs analisar os discursos de verdade produzidos no web site Portal do Envelhecimento que vêm subjetivando os sujeitos-velhos no período da pandemia da Covid-19, no Brasil. O campo teórico assumido nesse artigo refere-se, especialmente, aos estudos de Michel Foucault no que tange as discussões sobre sujeito e subjetividade. Problematisa-se os modos como são produzidos discursos de verdade em torno da saúde e da velhice da população. Trata-se de escrutinar as reportagens do Portal do Envelhecimento que se debruçam sobre a pandemia e a velhice. O recorte temporal do estudo analítico compreende materiais de 2019 a 2021. Olha-se as estratégias que a mídia produz e faz circular hábitos e estilos de vida, modificando os sujeitos, definindo condutas e criando estratégias de controle e de regulação para a população idosa. No entanto, vê-se também que as reportagens podem contribuir para que os idosos pensem sobre os problemas que enfrentam, as vivências de saúde que se tem e os possíveis modos de lidar com o que os acomete. Trata-se de mirar com cuidado e com o escopo foucaultiano os modos como se produz uma velhice no tempo pandêmico que passamos.

**Palavras-chave:** Subjetividade, Michel Foucault, Sujeitos-Velhos, Pandemia.

## Elderly Subject and Pandemy: Ways of subjectivation and life control

### Abstract:

This article proposed to analyze the discourses of truths seen on the Web site Portal do Envelhecimento that have been subjecting the elderly subjects in the period of the covid-19 pandemic in Brazil. The theoretical field undertaken in this study refers, principally, to Michel Foucault's studies regarding discussions about subject and subjectivity. How discourses of truth are composed on the subject of health and old age of the population are problematized. It is a question of scrutinizing the reports of the Portal do Envelhecimento that focus on the pandemic and old age. The time frame of the analytical study comprises materials from 2019 to 2021. We look at the strategies that media produces and promotes, such as habits and lifestyles, modifying the subjects, defining conducts, and creating control and regulatory approaches for the elderly population. However, it is also seen that the stories can contribute to the elderly thinking about the problems they face, the health experiences they have, and the possible ways of dealing with what affects them. It is about aiming carefully and with the Foucaultian scope how elders reach old age in this pandemic time we are going through.

**Keywords:** Subjectivity, Michel Foucault, Elderly Subjects, Pandemic.

## Sujeito Viejo y Pandemia: modos de subjetivación y control de la vida

### Resumen:

Este artículo tiene como objetivo analizar los discursos de la verdad producidos en el sitio web Portal do Envelhecimento, que han estado subjetivando a los ancianos durante el periodo de la pandemia Covid-19 en Brasil. El campo teórico asumido en este artículo se refiere, especialmente, a los estudios de Michel Foucault sobre las discusiones de sujeto y subjetividad. Se problematizan las formas en que se producen los discursos de verdad sobre la salud y la vejez de la población. Se trata de analizar los artículos del Portal do Envelhecimento que se centran en la pandemia y la vejez. El marco temporal del estudio analítico comprende materiales de 2019 a 2021. Analizamos las estrategias que los medios de comunicación producen y hacen circular hábitos y estilos de vida, modificando sujetos, definiendo comportamientos y creando estrategias de control y regulación para la población anciana. Sin embargo, también se ve que los informes pueden ayudar a las personas mayores a reflexionar sobre los problemas que enfrentan, las experiencias de salud que tienen y las posibles formas de enfrentar lo que les afecta. Se trata de mirar con atención y con el alcance de los estudios de Foucault las formas en que se produce la vejez en el tiempo pandémico que hemos pasado.

**Palabras clave:** Subjetividad, Michel Foucault, Sujetos viejos, Pandemia.

### INTRODUÇÃO

Desde o final do ano de 2019 estamos enfrentando tempos sombrios com o surgimento do novo coronavírus descoberto na cidade de Wuhan na China e, por conta disso, o mundo inteiro não tem falado de outra coisa. Covid-19 é o nome dado à doença causada pelo vírus da SARS-CoV-2 e que de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) é uma doença infecciosa em que a maioria das pessoas apresenta doença respiratória leve a moderada, mas que idosos e pessoas com problemas médicos subjacentes têm maior probabilidade de desenvolver doenças mais graves.

Em 11 de março de 2020 em decorrência do rápido crescimento das pessoas infectadas por este vírus, a OMS classificou o surto como uma pandemia. De acordo com a Agência Brasil “A mudança de classificação não se deve à gravidade da doença, e sim à disseminação geográfica rápida que o Covid-19 tem apresentado” (2020, s/p).

Tendo em vista a rápida disseminação da epidemia, houve uma ausência de recursos e tecnologias por parte dos países para a assistência física e mental de enfrentamento. Com isso, a doença gerou uma superlotação de hospitais, insuficiência de profissionais da saúde, falta de equipamentos de proteção (EPI), leitos, entre outros para o atendimento dos pacientes detectados com a SARS-CoV-2 a nível mundial, afetando de maneira mais rígida, principalmente, os sujeitos-velhos (FARINA; PATIÑO, 2022).

A Organização Mundial da Saúde (OMS), até o dia 30 de junho de 2021, confirmou um total de 184 milhões de casos confirmados da doença em todo o mundo, sendo o ranking

mundial dos países com mais casos Estados Unidos, Índia, Brasil, França, Rússia e Turquia, estando o Brasil e os Estados Unidos liderando em termos de mortalidade (OMS, 2021). No entanto, a Itália, país localizado na Europa, tornou-se o epicentro da doença por conta de ser um país característico pelo grande número de pessoas idosas, conforme Riboli (2020) expõe.

De acordo com Duarte *et al.* (2020), as pandemias são epidemias que se espalham de forma rápida por diversos países afetando um grande número de pessoas, além de gerar consequências nos sistemas (econômico, social, etc.) e impor à população novas regras e novos hábitos para a contenção e a mobilização de diversas naturezas. Sendo assim, vários procedimentos foram adotados pelos órgãos competentes para que se consiga controlar tal disseminação. Medidas de promoção à saúde tanto individual quanto coletiva foram adotadas por diversos países a fim de conter essa disseminação, sendo algumas delas: o uso de máscara, álcool em gel, distanciamento social, quarentena, entre outras. De acordo com Buss *et al.*,

Promoção da saúde, como vem sendo entendida nos últimos 30-35 anos, representa uma estratégia promissora para enfrentar os problemas de saúde que afetam as populações humanas. Partindo de uma concepção ampla do processo saúde-doença e de seus determinantes, essa estratégia propõe a articulação de saberes técnicos e populares, e a mobilização de recursos institucionais e comunitários, públicos e privados a favor da qualidade de vida (2020, p. 4725).

O Portal do Envelhecimento, enquanto nosso objeto de estudo, traz seriedade e legitimidade nas questões relacionadas à saúde dos sujeitos-velhos e, além da promoção de saúde, também se volta para a educação à saúde desses sujeitos. A Educação em Saúde conforme Nogueira *et al* (2022) é um processo educativo que tem por objetivo conscientizar, sensibilizar e até mesmo mobilizar a população nas questões voltadas à qualidade de vida, isto é, uma educação preocupada em auxiliar os indivíduos com cuidados tanto individuais quanto coletivos.

Com isso, a educação “[...] é definida como uma ferramenta importante para prevenir doenças e promover saúde, orientando rotinas direcionadas para um bem-estar individual ou coletivo através de uma comunicação clara e efetiva [...]” (GONÇALVES *et al*, 2020, p. 3).

Sendo assim, ao falarmos sobre os cuidados individuais e coletivos de promoção à saúde, é preciso falar em estratégias de governo. Tais estratégias estão atreladas ao que Foucault (2008) chama de poder disciplinar e de biopoder. Na modernidade, as estratégias do poder disciplinar e do biopoder vão subjetivando os indivíduos, capturando-os através de discursos proliferados e pautados na ciência a fim de conduzi-los. Evidentemente, as estratégias de resistência ocorrem, uma vez que estamos aqui tratando de relações de poder

– onde há poder, há resistência (FOUCAULT, 1985); no entanto, a força e a produtividade que se oferecem nos materiais midiáticos e com a chancela da ciência, investem fortemente na produção de subjetividades, fabricando, paulatinamente, um corpo velho que se curva aos discursos científicos.

Lemos *et. al.* nos ajuda a pensar a partir de Foucault, que através das estratégias do biopoder e da governamentalidade é que os sujeitos serão educados em nome da prevenção de doenças, tal expansão da promoção à saúde, conforme o autor explica, vai ocorrer por meio da “[...] ampliação do controle dos corpos no biopoder, de maneira atrelada à segurança e ao governo das condutas, como dispositivo que faz da saúde um mercado crescente em nome da gerência da vida e da defesa da sociedade” (2019, p. 7).

Dessa forma, nosso objetivo com este artigo é compreender os modos de subjetivações que a pandemia tem trazido para os sujeitos-velhos, aqueles que possuem 60 anos ou mais, conforme a Política Nacional do Idoso (BRASIL, 1994), olhando a partir das reportagens do *web site* Portal do Envelhecimento<sup>1</sup>. Além disso, temos a pretensão de que este artigo possa contribuir para uma problematização, discussão e ainda a disseminação de informações relacionadas à promoção de saúde com o intuito de melhorar a qualidade de vida e diminuir a vulnerabilidade, principalmente dos sujeitos-velhos frente à pandemia. Para isso, contamos com algumas reportagens trazidas no Portal, o qual foi criado no ano de 2004 pelo Programa de Pós-Graduação em Gerontologia e seu Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE) vinculado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e que contribui para uma construção de conhecimentos sobre envelhecimento, além de auxiliar profissionais e cuidadores(as) de idosos(as) com informações e notícias sobre o tema.

## ADENTRANDO NO CAMPO EPISTEMOLÓGICO E METODOLÓGICO DO ESTUDO

Vivemos em uma era tecnológica, a qual nos possibilita buscar informações em tempo real a partir de qualquer dispositivo que possua acesso à internet ou até mesmo pela televisão, rádio, entre outros. Essa era está permeada por mídias que se encarregam de levar informação à população e também permite a interação entre as pessoas.

---

<sup>1</sup> *Web Site* Portal do Envelhecimento: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/>

Sabemos que ultimamente não só a educação formal constitui os sujeitos e os educa, a mídia além de educar também contribui e torna-se uma forte aliada do ensino, Abreu expõe que:

[...] os Estudos Culturais operam na relação de sentido que se estabelece entre o consumo de conteúdos veiculados pela mídia e o modo como tais conteúdos ditam normas e formas de os indivíduos atuarem na sociedade. Isso significa dizer que a mídia não determina, mas prescreve formas de ser, de identidades, de temas em evidência na sociedade (2022, p. 1).

Isto é, a mídia, muitas vezes aliada à ciência, contribui educando a população, levando informações de maneira acessível e, assim, construindo significados na vida de cada sujeito. São diversos discursos que nos atravessam diariamente, a mídia enquanto um artefato cultural faz circular saberes de acordo com o espaço e tempo e, assim, produz sujeitos.

Pensamos em educação quase sempre atrelada aos espaços formais, mas sabemos que estamos sendo educados e subjetivados a todo o momento, seja a partir da nossa família, dos lugares frequentados, ou seja, todas nossas vivências vão nos constituindo enquanto sujeitos deste tempo. Ainda, Ferreira (2018) diz que a mídia contribui com a difusão de informações e com o processo de aprendizagem de acordo com seu uso. Fortemente ela tem feito parte da nossa vida, mesmo que não percebamos, ela regula a sociedade de acordo com as normas, produzindo conhecimentos, trazendo informações e representações que vão servir como instrumentos de e para nossa formação.

Sendo assim, podemos dizer que a escola não dá conta de tudo o que acontece e de todas as informações que têm atingido os indivíduos no seu cotidiano, portanto, a mídia como um dispositivo pedagógico que propaga informação e conhecimento vai auxiliar como uma forte ferramenta na constituição de saberes e, conseqüentemente, dos sujeitos.

A todo o momento e em todo lugar estamos sendo subjetivados, muitas vezes nem percebemos esse movimento, mas a partir da relação consigo mesmo, com o outro e com o meio é que nos constituímos enquanto sujeitos.

Os processos de subjetivação são históricos, se moldam e se constituem de acordo com a época e com o tipo de formação social em que estão sendo considerados. Dessa forma, é perceptível o quanto que os dispositivos midiáticos formam e subjetivam os sujeitos, de certa maneira são considerados também espaços de constituição e propagação de saberes, a todo o instante estamos tendo contato com notícias e novas informações que acabam por fazer parte do nosso dia, do nosso cotidiano e até mesmo de nós mesmos.

Ao entrarmos na questão da velhice, é inegável que este tema vem cada vez mais ganhando espaço, desde que se tornou um alvo de investimentos do Estado. Vemos a todo o momento campanhas, propagandas, informações acerca do envelhecimento veiculadas pelas mídias que subjetivam os sujeitos-velhos e ao mesmo tempo educam a população mais jovem no tratamento e em conhecimentos acerca dessa etapa da vida. A sociedade encontra-se em constante transformação, havendo uma aceleração do processo de desenvolvimento dos sujeitos por conta das novas tecnologias digitais, diversas mídias como *sites*, blogs, plataformas, etc. (ABREU, 2022). Elas encontram-se disponíveis no auxílio do processo educativo.

Além disso, cabe ressaltar que a valorização da figura do sujeito-velho e do ‘espaço conquistado’ só aconteceu pelo fato do aumento significativo dessa população. Consequentemente, o Estado em um determinado momento preocupou-se em identificar e organizar esses sujeitos para pensar em estratégias de controle. Um dos objetivos dessas estratégias visa a condução para uma vida dita com ‘qualidade’, oferecendo apoio, assistência médica, social, etc. como uma forma de dividir a responsabilidade e os desafios que a velhice traz com os próprios sujeitos-velhos e também com a população em geral.

Yokomizo e Lopes (2018) corroboram com isso quando explicam que, entre as décadas de 1970 e 1990 ocorreram mudanças nas representações da velhice por parte das mídias, principalmente da televisão. Antes, os sujeitos-velhos não tinham muito espaço e, quando ganhavam, as representações dessa classe eram a partir de estereótipos negativos: dependência física, emocional, insegurança e também de isolamento social. Foi só a partir dos anos de 1990 que a participação desses indivíduos aumentou e o uso de imagens positivas tomou o lugar das negativas, dando início a era da famosa ‘terceira idade’ – termo utilizado para substituir o *signo* negativo em torno da velhice, dando uma nova ‘cara’ para essa etapa.

Sendo assim, o papel dos dispositivos midiáticos é fundamental principalmente na constituição dos sujeitos modernos, pois considerando a busca e o acesso às informações, seja por parte dos sujeitos-velhos, seja por parte dos mais jovens, é importante que se compreenda os processos de envelhecimento e também para que se tenha orientações para uma vida em sociedade. Em tempos pandêmicos, que trataremos a seguir, onde a velhice tem estado em evidência por conta da maior probabilidade no caso de infecção pelo novo coronavírus, a mídia tem se tornado não só uma grande aliada na questão sanitária, mas também se tornou uma maneira de aproximar os idosos de seus amigos e familiares e, mais do que isso, tornou-

se também uma companhia para os momentos de solidão que essa reclusão acarreta, a partir da televisão, do rádio, do acesso à internet pôde-se preencher, ou ao menos tentar preencher, os espaços que ficaram vazios na vida desses sujeitos.

Nessa correnteza o Portal do Envelhecimento contribuiu com reportagens que abordam a pandemia. Para este trabalho realizamos um processo metodológico analisando os discursos presentes em reportagens do Portal do Envelhecimento. Com nossos estudos endereçados à velhice e pandemia, fomos motivadas a buscar diferentes fontes midiáticas que davam visibilidade as questões pandêmicas na intersecção com a velhice. Ao conhecer o *website* Portal do Envelhecimento, vimos a potência de enunciações que proliferavam modos de vida para a velhice em tempos atuais. Ao identificarmos os objetivos do *website* e sua missão, percebemos a importância de toma-lo como objeto de análise: “[...] transferir informações qualificadas sobre a velhice e o envelhecimento possibilitando o acesso democrático ao conhecimento sobre esta instigante fase da vida” (PORTAL DO ENVELHECIMENTO, 2016), além de nortear “[...] conteúdos com credibilidade, tornando-se hoje referência sobre o longeviver no país” (IDEM, 2016). Como um importante espaço de disseminação de informações, orientações cotidianas para minimizar os impactos da pandemia aos sujeitos-velhos, o *website* tornou-se um espaço privilegiado de análise de acordo com nossos objetivos de pesquisa, já previamente apresentados. Além disso, resta evidente o lugar privilegiado que dá origem ao site: o Núcleo de Estudos e Pesquisa do Envelhecer, ligado a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, chamando profissionais qualificados a informar aos seus visitantes conhecimento científicos a respeito da velhice e pandemia na atualidade.

Em relação às reportagens analisadas, realizamos um recorte temporal entre os anos de 2019 e 2021, período compreendido da pandemia, utilizando ainda como critério de inclusão palavras-chaves como: velhice, envelhecimento e pandemia. Acompanhamos o *web site* diariamente, excluindo todas aquelas reportagens que não se endereçavam diretamente à temática do estudo – velhice e pandemia –, mesmo que ainda falassem sobre envelhecimento.

Olhamos para os materiais sob escrutínio entendendo-os como discursos que se engendram e fabricam modos de vida na atualidade. Eles contribuem fortemente para nossos modos de enxergar o mundo, endereçando seus ditos à população de idosos. Evidentemente, eles não operam sozinhos, existem outros artefatos, legislações, disposições arquitetônicas e

uma gama de narrativas que sustentam e fazem operar um modo de vida, uma forma de olhar para a velhice. Com isso, criam-se direcionamentos e, muitas vezes, determinações de como o sujeito-velho deve se comportar, que hábitos deve ter e quais atitudes deve assumir em prol de sua qualidade de vida.

Acompanhadas por Foucault, nosso enfoque não estava em desvendar o que a reportagem “queria dizer” ou ainda o que estaria “por trás” do discurso. Assumindo o conceito de discurso a partir do filósofo francês, nosso objetivo analítico foi “[...] ficar no nível do próprio discurso” (FOUCAULT, 2002, p.59). Interessa, aqui, o dito, a superfície e os efeitos de poder que compõem modos de vida, engendrando, fabricando uma certa velhice em tempos de pandemia.

[...] não procuramos, pois passar do texto ao pensamento, da conversa ao silêncio, do exterior ao interior, da dispersão espacial ao puro recolhimento do instante, da multiplicidade superficial à unidade profunda. Permanecemos na dimensão do próprio discurso (FOUCAULT, 2002, p.85).

Merece pensarmos como determinados ditos são acionados e fortalecidos dentro de uma rede discursiva que se esforça na constituição de determinadas subjetividades da velhice hoje. O que conta como legítimo em nossa sociedade, em um mundo caótico atravessado por uma pandemia nunca antes sentida pela sociedade global? Como, em nome da saúde, fomos autorizando determinadas formas de vida, invadindo nosso espaço, nossas mentes e nossos modos de ser e se comportar? É desse incômodo com a naturalização de determinados discursos – em nome da vida! – que nossa pesquisa se produziu. Assim, ensinadas por Foucault, levamos adiante seu ensinamento: “[...] o material que temos a tratar, em sua neutralidade inicial, é uma população de acontecimentos no espaço do discurso em geral” (FOUCAULT, 2002, p.30).

Posto isso, o Portal do Envelhecimento surge como uma forte ferramenta que visa munir os sujeitos-velhos, seus familiares e/ou tutores com informações a respeito de variados temas que envolvem a terceira idade. Isto é, a mídia produz discursos, molda os sujeitos e suas subjetividades fazendo com que nosso comportamento também seja conduzido.

O portal traz em seu conteúdo reportagens de um envelhecer longe de estigmas negativos, silenciando aqueles discursos centrados na enfermidade dessa população e afastando-se de uma velhice com um sentido de perdas. Pelo contrário, o portal busca abordar questões voltadas ao envelhecimento como um processo que deve ser atentado por todos que



buscam um “envelhecer com qualidade”, onde nem só os sujeitos-velhos, mas também a sociedade, possa respeitar os limites que chegam com esta etapa da vida. Ainda, nas questões relacionadas à saúde física e mental, evidenciamos discursos que se propõem a cuidados e prevenção de doenças que acometem boa parte dos sujeitos-velhos, como Alzheimer, iatrogenias medicamentosas, osteoporose, hipertensão, entre outras. Além disso, com o atravessamento da pandemia, o portal voltou-se muito para a saúde mental dessa população, trazendo informações e instruções para passar por esse período da melhor forma possível, principalmente lidando com um isolamento mais severo em que os sujeitos-velhos foram ‘obrigados’ a enfrentar por se tratar de uma faixa etária mais frágil diante do vírus.

Com isso, a produção de discursos no interior do *site* também contribui para a produção de subjetividades, como buscaremos discutir nesse artigo.

Infelizmente, sabemos que a pandemia da Covid-19 chegou, principalmente no Brasil, de forma avassaladora, pois diferentemente de qualquer ‘guerra’ que acreditamos estar preparados e conhecer nosso ‘oponente’, essa foi e está sendo bem diferente, tendo em vista que estamos diante de um inimigo invisível, com um poder de transmissão extremamente grande, tornando-se assim, uma enorme ameaça à população.

Apesar da grande mobilização de especialistas e cientistas para descobrir medidas de prevenção e proteção para lidar com esse vírus, em março de 2020, ainda não era possível ter qualquer resposta, nem tão pouco informações que pudessem prevenir a contaminação. No entanto, uma coisa era certa, os sujeitos-velhos e aqueles que possuíam comorbidades eram, em sua maioria, acometidos de maneira mais severa. Sendo assim, a população idosa foi e está sendo um grande alvo desse vírus, ou seja, as vidas mais frágeis frente a esta guerra. Barbosa *et al.* (2020) corroboram com isso quando afirmam que há um risco maior de morte por COVID-19 com o aumento da idade, a imunossenescência acarreta a vulnerabilidade às doenças infectocontagiosas.

Sendo assim, vários discursos têm surgido com o objetivo de determinar como essa população deve agir no enfrentamento deste período. No entanto, antes de entrarmos na questão da subjetividade dos sujeitos-velhos, é importante dizer que foi a partir do biopoder e das práticas disciplinares que houve uma hierarquização, polarização, qualificação e avaliação dos sujeitos para melhor controlá-los. Por conta desse processo é que a população idosa passou a ser enquadrada dentro de uma ‘classe’ e, por fim, controlada.

Além disso, é através de discursos e intervenções que as biopolíticas de gestão da vida tornam possível capturar e colocar essa população em seus ‘respectivos lugares’ dentro da sociedade.

Sabemos que as verdades e os saberes produzidos variam de acordo com cada época e com as condições que nos são dadas em determinado momento. É através das relações de poder que essas verdades e saberes são constituídos na sociedade para agir sobre nós e nos tornar sujeitos, ou então fazer com que nos sujeitemos (ou não) a eles. Essas verdades, segundo Foucault (2016), são fundamentalmente históricas, em toda sociedade existem discursos considerados verdadeiros referentes aos sujeitos que circulam e que são aceitos como tais. A verdade torna-se dentro de um sistema, saberes em que os sujeitos produzem, aceitam, resistem ou se submetem a ela.

De acordo com Foucault, “[...] os processos de subjetivação e de objetivação que fazem com que o sujeito possa se tornar, na qualidade de sujeito, objeto de conhecimento” (2004, p. 236). Quer dizer, é por meio dos processos de subjetivação que os indivíduos vão se reconhecer e se perceber como sujeitos legítimos de um tipo de conhecimento. Já os processos de objetivação estão relacionados ao modo como os sujeitos se tornaram um objeto de conhecimento. Tantos os processos de subjetivação quanto de objetivação se complementam e se relacionam naquilo que Foucault chama de jogos de verdade e, que de acordo com ele, significam “[...] não a descoberta das coisas verdadeiras, mas as regras segundo as quais, a respeito de certas coisas, aquilo que um sujeito pode dizer decorre da questão do verdadeiro e do falso” (FOUCAULT, 2004, p.235).

Em *O Sujeito e o Poder*, Foucault (1995) mostra três modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos: O modo da investigação que tenta atingir o estatuto de ciência (o sujeito produtivo, o sujeito que trabalha, ou simplesmente o sujeito que está vivo na história); as práticas divisoras, nas quais o sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros (o louco e o são, o doente e o sadio, o velho e o jovem, etc.) e; o modo pelo qual o ser humano torna-se sujeito, ou seja, como se reconhece enquanto tal (sujeito da sexualidade, etc.).

Além disso, através dos jogos/discursos de verdade, das práticas deterministas, das biopolíticas e por vezes das práticas de resistências é que os sujeitos vão constituindo sua subjetividade.

Podemos dizer que desde que o sujeito-velho foi objetivado, ele se tornou alvo de investimentos, ou seja, diversos saberes especializados surgiram com o objetivo de fazer com que esses sujeitos se constituíssem enquanto população para melhor serem governados. Segundo Foucault “[...] enquanto o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas” (1995, p. 232).

O poder não é algo que se possui, mas algo que se exerce, é através das relações de poder que os sujeitos se constituem, tais relações acontecem em esferas micro, com coisas cotidianas que muitas vezes passam despercebidas, até serem produzidas em relações maiores orientando as ações e as práticas dos sujeitos para viverem em sociedade. Oposições de forças entre poder e resistência vão colocar o poder em ação, seja entre pais e filhos, marido e mulher, da medicina sobre a população, entre outros (FONSECA, 2016). Estamos em constante ‘jogo’ de poder e resistência e, será a partir desses atritos que saberes serão produzidos e que os indivíduos serão constituídos enquanto sujeitos.

As relações de poder agem em diversos sentidos, operando de baixo para cima e de cima para baixo, ou seja, são consideradas multidirecionais. Sendo assim, garantem uma capilaridade que atinge a todos os indivíduos (FONSECA, 2016).

Márcio da Fonseca explica que, para compreendermos os mecanismos dos micropoderes, “[...] é preciso substituir a noção de um ponto centralizador de intenções e propósitos pela ideia de intencionalidades e estratégias dentro das práticas, discursivas ou não, que supõe uma confrontação de ações com outras ações e de discursos com outros discursos” (p. 37). Do mesmo modo que “As forças que se opõem não teriam um objeto ou sujeito determinados, mas definir-se-iam pela oposição de ações contra ações e de discursos contra discursos” (IDEM, p. 37).

Enfim, será através das relações de poder que estão presentes em todas as nossas relações que nos tornamos aquilo que somos, ou seja, que constituímos nossa subjetividade. Por meio de saberes produzidos e colocados nesse jogo que tomamos nosso lugar dentro da sociedade, além de guiar e orientar nossos caminhos e nossas escolhas.

Nesse sentido, nos parece extremamente importante mirar aqueles espaços não formais de aprendizagem que constituem verdades e saberes sobre os sujeitos velhos(as). O que se diz, o que se produz e quais modos de ser e viver vem sendo produzidos no interior de reportagens midiáticas que tomam o idoso como alvo da produção discursiva? É sobre isso que trataremos a seguir.

## MIRANDO AS REPORTAGENS: A PRODUÇÃO DE UMA VELHICE EM TEMPOS DE PANDEMIA

Quando falamos na questão da velhice, discursos relacionados a temas que remetem a corpo, família, solidão, saúde, qualidade de vida, morte e finitude vão rodear e subjetivar esses sujeitos, além de surgirem como forma de objeto de investimento político, exaltando essa faixa etária como aquela que pode desfrutar dos prazeres da vida e da chamada ‘melhor idade’, mas também discursos para ‘estancar’ o envelhecimento e as suas consequências vão ser proliferados.

Sendo assim, Silva e Tavares mostram que,

A biopolítica instaura múltiplas táticas e discursividades no campo dos saberes e das correlações de poder, girando em torno da vida, da morte e do trabalho, sobretudo na modernidade, quando o governo dos vivos busca cada vez mais dinamizar a experiência e produzir corpos úteis, saudáveis e economicamente ativos (2021, p. 352).

No entanto, discursos pautados na qualidade de vida, corpo, família, solidão, etc., em tempos pandêmicos vão dando lugar aos discursos voltados à prevenção, ao cuidado e, principalmente à morte e à finitude. A pandemia tem nos mostrado que a morte, antes considerada um tabu, hoje em dia se faz mais presente do que nunca. Todo dia ouvimos que alguém foi a óbito por conta da Covid-19 ou então que está correndo risco de morte por conta dela. A partir do momento em que a morte já está tão atrelada aos nossos dias, nos subjetivando, é possível que se pense e que se fale nela de outros modos, além de trazê-la levando em conta, talvez, uma ‘ressignificação’, ou seja, uma outra forma de enxergar e lidar com ela.

Sabemos que o ser humano é o único ser vivo que tem consciência da morte, que vive com a certeza de que um dia vai deixar de existir. A morte torna-se algo temido, pois apesar do ser humano ter consciência de que esse momento chega para todos, não sabemos o que esperar dela e nem se ela significa algo além da finitude que se apresenta.

Percebe-se que a morte tem se tornado cada vez mais distante da nossa realidade, pois com o auxílio dos saberes médicos e científicos cada vez mais os indivíduos estão conseguindo ter algum ‘controle’: prevenindo doenças, detectando fragilidades presentes no corpo e assim corrigindo tudo para que possa viver intensamente e de modo mais prolongado. No entanto, com a chegada do novo coronavírus essa realidade acaba se afastando um pouco, pois

independente do tratamento e das condições financeiras que o sujeito possui, a infecção pela Covid-19 e os agravamentos que ela acarreta se dão para todos e qualquer um. Sabemos, evidentemente, que questões financeiras, como a garantia de um bom plano de saúde ou as condições de arcar com os gastos médicos, pode contribuir com a recuperação diante das sequelas deixadas pela COVID, no entanto, muitas vezes, a questão financeira não é o suficiente para salvar a vida do sujeito.

Além disso, se adentrarmos nas questões sociais veremos que, principalmente no Brasil, esse vírus tem devastado comunidades mais carentes tendo em vista condições sanitárias, higiênicas e até mesmo de informação. Também vemos pessoas com comorbidades serem mais afetadas e mais propícias a quadros clínicos mais severos conforme aponta um estudo realizado por alunos da Faculdade de Medicina da UFMG que mostra que até “[...] abril de 2020, 72% dos óbitos por covid-19 foram de pessoas com mais de 60 anos, e 70% delas apresentava pelo menos um fator de risco, sendo os principais: diabetes, obesidade e hipertensão” (ENVELHECIMENTO E COVID, 2019, s/p.).

No entanto, apesar daqueles que possuem comorbidades, esse vírus não escolhe um corpo específico para sofrer seus impactos, aqueles indivíduos em que a doença se agrava estão fadados a sofrer ou até mesmo a morrer por conta dela. Não há dinheiro e nem tratamento que pague algo de efetivo contra esse mal, àqueles que se infectam resta apenas esperar contando que o organismo reaja ‘positivamente’.

É evidente que desde a chegada da pandemia, lidar com a morte tem sido cada vez mais comum, essa realidade que antes os sujeitos tentavam afastar e, até então, tinham um certo controle, atualmente é incerta. Apesar dos(as) idosos(as) e daqueles que possuem comorbidades serem um alvo maior, é um verdadeiro sorteio de quem morre e de quem vive.

Podemos constatar que esse medo da morte e o medo de um futuro incerto já têm afetado a saúde mental da população, sinais de depressão, ansiedade, pânico, etc. já são visíveis em muitas pessoas. Além disso, sabemos que a longo prazo isso ainda trará efeitos em uma escala muito maior. A partir disso, a mídia e os meios de comunicação estão empenhando-se na medida que trazem reportagens e informações que tentam ajudar os sujeitos a lidar com essa nova realidade que está cada vez mais comum no Brasil e no mundo.

Um exemplo de meio de informação que tem trazido discursos e notícias que abordam algumas questões é o *web site* Portal do Envelhecimento, e que conseqüentemente vai

subjetivando os sujeitos-velhos e também seus(as) tutores(as), principalmente nesses tempos de pandemia. Utilizando as palavras de Leitzke *et al.* (2020) podemos dizer que os dispositivos, nesse caso, o Portal, vão atuar como uma ferramenta que dissemina os hábitos, as condutas, reforçando e produzindo significados sociais sobre um determinado estilo de vida que o governo deseja para a população.

Sabemos que a pandemia afetou não só a saúde no sentido biológico de quem foi acometido por esse vírus, mas também a saúde mental de toda a população. Muitas pessoas tiveram que mudar suas rotinas, seus hábitos, além de conviver diariamente com a sensação de insegurança e medo em todos os aspectos, seja em função dessa doença que assola o mundo, seja pensando em nosso futuro incerto. Encontramos no Portal do Envelhecimento reportagens que, de algum modo, escapam de uma abordagem voltada à 'saúde física' conforme temos visto quando o assunto é Covid-19. Para além disso, podemos perceber que o Portal apresenta um caráter mais intimista pensando no cuidado principalmente com a saúde mental desses(as) idosos(as).

Silva (2020) expõe que as pessoas se encontram “[...] atordoadas com os acontecimentos, em estado de alerta, com sensação de insegurança, medo de morrer ou de perder quem ama, impotência em relação a planos pessoais e profissionais, frustradas e cheias de incertezas sobre o futuro” (p. 19735), podendo ainda manifestar doenças psicopatológicas.

Além de toda a ameaça que a pandemia traz à vida dos sujeitos-velhos, ela ainda expõe muitos desses sujeitos a riscos de pobreza, traumas relacionados ao estigma, discriminação (ageísmo), perda de suporte social e, idosos(as) que vivem sozinhos(as), muitas vezes, necessitam de suporte para adquirir alimentos, cuidados com sua saúde, suporte econômico e também afetivo e, aqueles que vivem com seus familiares correm o risco de serem contaminados (ROMERO *et al.*, 2021). Podemos dizer que além de serem os indivíduos mais afetados com relação à mortalidade pela Covid-19, essa população acaba por sofrer drasticamente os efeitos ‘colaterais’ da pandemia.

Verdi (2020b) mostra através da reportagem “Como Minimizar os Impactos da Pandemia em Idosos” trazida pelo Portal do Envelhecimento um documento elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU) sobre os impactos que a Covid-19 tem causado em idosos(as) e explica sobre as “[...] dificuldades reais que as pessoas mais velhas ainda têm para acessar as plataformas digitais de comunicação, o que pode acabar impactando em um

isolamento ainda maior aos que estiverem nesta situação em uma época em que o recomendado é a ausência do contato físico” (2020b, s/p).

Em seguida, orientações são trazidas para os(as) cuidadores(as) e/ou familiares a fim de minimizar esses impactos:

Por esta razão, a ONU salienta a importância dos esforços sociais para que as barreiras criadas pelo distanciamento físico e pelas dificuldades digitais sejam superadas. Aqui, salientamos a importância de se buscar contato com os mais velhos, seja por chamadas telefônicas (ainda mais acessíveis aos mais idosos), por vídeos ou por outras plataformas de comunicação (quando possível), por parte da família, de amigos e de conhecidos (VERDI, 2020b).

Percebemos que apesar das pessoas em geral estarem confusas e sem saber como agir diante da pandemia, apesar também da intensa preocupação com o vírus, através do Portal do Envelhecimento podemos ver que há outras questões em jogo e que merecem nossa atenção, principalmente na vida dos sujeitos-velhos. Para muitas pessoas, reinventar-se em um mundo tecnológico tem trazido diversos desafios e, para os(as) idosos(as) esse desafio é ainda maior. No entanto, muitas reportagens trazidas no Portal do Envelhecimento mostram medidas para ajudar esses indivíduos com essas relações, além de tentar minimizar os impactos da pandemia, principalmente no que se refere ao distanciamento dos familiares e amigos.

Esse momento de isolamento e crise tem despertado em boa parte da população momentos reflexivos, algumas pessoas puderam desacelerar da vida agitada e automática que tinham e, puderam também, parar para refletir no quanto a vida é frágil e vulnerável conforme podemos identificar na fala de Katia de 69 (sessenta e nove) anos, trazida por Brandão (2020) na reportagem “Você considera a pandemia um sinal de alerta?”:

[...] essa pandemia é um alerta para a humanidade no sentido de nos obrigar a rever nosso estilo de vida, desprezo pela natureza e valores consumistas. Vejo que estamos passando pela experiência do confinamento, mas pelas redes sociais estamos ligados com nossos parentes, amigos e vizinhos como nunca antes tivemos. (2020, s/p).

Na reportagem “Escritos dos/nos Tempos (pandêmicos)” percebemos outra fala que evidencia essa reflexão: “Organizei sem planejar uma retrospectiva, a partir das conversas com minha mãe, [...] Falamos da vida [...] *Tempo de atualização e ‘certo’ recomeço desta última etapa que nos está sendo dada viver*” (BRANDÃO, 2020b, s/p, grifos nossos).

Além disso, projetos também foram criados para auxiliar os idosos nesses tempos, o Portal do Envelhecimento mostrou que um grupo de pesquisadores organizou-se para escutar as inquietações e os problemas que os sujeitos-velhos de Minas Gerais têm enfrentado

durante o período da pandemia. Através desse projeto, idosos são contatados via ligação telefônica, chamadas de vídeo e/ou *whats app* e são perguntados a respeito de sentimentos em relação à pandemia, dúvidas de prevenção, necessidades, problemas com aquisição de medicamentos e/ou alimentos, entre outros (ENTREVISTA SOBRE ESCUTA SOLIDÁRIA, 2020).

Sabemos que a subjetividade é produzida através de discursos e práticas atreladas às questões de poder conforme já discutimos anteriormente, Foucault mostra também que “Essa forma de poder se exerce sobre a vida cotidiana imediata, que classifica os indivíduos em categorias, designa-os por sua individualidade própria, liga-os à sua identidade, impõe-lhes uma lei de verdade que lhes é necessário reconhecer e que os outros devem reconhecer neles” (2014, p. 123).

Dito isso, é possível perceber que, principalmente em tempos pandêmicos, muitos sujeitos-velhos se apegaram e reavivaram sua fé como modo de ter em que acreditar e fortalecer sua esperança em tempos melhores, conforme mostra um excerto extraído do Portal do Envelhecimento onde traz que a crueldade do que estamos enfrentando “[...] reaviva e torna mais presente a força das religiões, da crença, da onipotência e da onipresença de Deus. É a forma que as pessoas encontram para ter esperança, mas também a guarida contra o possível sofrimento e dor pela morte do seu ente querido (DEUS? A FÉ EM TEMPOS DE PANDEMIA, 2020, s/p.).

Falar de morte toma outra configuração nesses novos tempos, ultimamente isso tem se tornado banal e, a mídia enquanto um dispositivo produtor de subjetividade também traz questões relacionadas à morte como algo a ser pensado, com uma certa naturalidade, levando à população diferentes maneiras de pensar sobre o assunto e a decidir sobre questões relacionadas a ela.

A reportagem “A Covid-19 e a necessidade emergencial de se pensar sobre como se deseja o próprio fim” traz elementos que fazem com que a reflexão sobre nosso fim seja necessária, pois mostra ao leitor que há ausências de vagas em centros de terapia intensiva, profissionais da saúde que fazem uso de medicamentos sem comprovação científica, “[...] enterros aos que desejaram cremação” (VERDI, 2020, s/p.) e que não tiveram tempo de deixar registrado, além da ausência de despedida de seus familiares e amigos. Pessoas que ficaram impossibilitadas de manifestar se desejariam uso de medicamentos, técnicas sem



comprovação científica, se aceitariam ser intubadas, sepultadas ou cremadas, enfim, qualquer coisa que diz respeito à própria finitude (VERDI, 2020).

Sabemos que a pandemia ainda não acabou, no entanto já podemos detectar e constatar os grandes e irreversíveis males que ela ocasionou à população, todos os dias vemos e ouvimos sobre seus impactos negativos. No entanto, longe de romantizar esse período, mas tentando olhar para aquilo que se produz a partir das tragédias anunciadas, partindo do Portal do Envelhecimento e também das notícias apresentadas, constatamos que a pandemia tem nos subjetivado de diversas maneiras. Algumas delas foram as relações construídas, a solidariedade de quem pôde de alguma maneira ajudar o próximo, a distribuição de alimentos aos moradores de rua, doação de agasalhos, auxílio dos mais jovens aos mais velhos para ajudar com as compras de modo que eles não precisem sair de casa até a mobilização de pessoas para comprar cilindros de oxigênio para quem necessitava, profissionais da saúde levando vacinas a locais de difícil acesso, entre outros.

Ao falarmos especificamente de nosso objeto de estudo – os sujeitos-velhos – percebemos o quanto a mídia através do Portal do Envelhecimento tem ajudado nessa constituição de um novo velho(a), aquele(a) que tem se constituído no meio de um perigo iminente: a pandemia. As informações chegam aos interessados de maneira rápida e acessível, em qualquer lugar ou hora elas podem ser acessadas, é através delas que os indivíduos vão conduzir suas vidas, seguir determinadas ações pautadas em estudos de pessoas competentes para obterem mais qualidade de vida e até mesmo seu prolongamento.

No entanto, podemos dizer que não são apenas os discursos sobre saúde física dos sujeitos-velhos que trarão esse ‘prolongamento da vida’, mas com a chegada da pandemia, há um foco na saúde mental, como anunciamos anteriormente. É preciso lembrar que muitos idosos(as) praticavam alguma atividade física ou faziam parte de algum lugar de socialização antes da pandemia, porém, nesse período eles(as) foram ‘obrigados(as)’ a distanciarem-se fisicamente de tudo e de todos. No entanto, através das redes sociais puderam se fazer presentes uns na vida dos outros, reinventando outras formas de viver e conviver nesse mundo.

Foucault nos mostra que ao longo da história os sujeitos vão constituindo-se de acordo com os discursos, saberes e verdades proliferadas em determinada época. “A questão é determinar o que deve ser o sujeito, a que condições ele está submetido, qual o seu *status*, que posição deve ocupar no real ou no imaginário para se tornar sujeito legítimo deste ou daquele

tipo de ‘subjetivação’” (1995, p. 235, grifos do autor), isto é, o sujeito também é produto das relações que são construídas e pelo entorno dele, do ambiente em que está inserido, dos discursos que chegam a ele, etc. Nos tempos pandêmicos que vivemos a realidade que está imposta para os sujeitos-velhos, e de certo modo para toda a população, é falar sobre cuidados, hábitos, protocolos, maneiras de viver e conviver de forma segura ou o mais próximo disso com esse vírus e com as consequências diretas e também indiretas que ele tem trazido.

Em uma reportagem intitulada “Enxaqueca crônica, uma doença que aumentou na pandemia” trazida pelo Portal do Envelhecimento constata-se o seguinte trecho “Os especialistas orientam que muitos dos gatilhos das crises de enxaqueca estão relacionados aos hábitos de vida. Manter uma rotina de alimentação balanceada, sono adequado e atividades físicas equilibradas favorece o bem-estar [...]” (2021, s/p).

Percebe-se que a enxaqueca crônica, em alguns casos, é um mal que o vírus trouxe indiretamente para os sujeitos. No decorrer desta mesma reportagem, especialistas expõem que há diversos fatores que podem ter desencadeado, um deles é o excesso de medicamentos ingeridos sem o consentimento médico, para ‘prevenir’ o vírus, sem garantia alguma de efeito, acarretando apenas efeitos colaterais. Com isso, no decorrer do texto, especialistas, através das informações trazidas tentam ‘conduzir’ esses sujeitos-velhos que sofrem desse mal, subjetivando-os a adquirirem hábitos mais saudáveis, a fim de minimizar os impactos da enxaqueca.

É fato que aquilo considerado ‘normal’ é efeito da época em que vivemos, quando as pessoas falam em ‘voltar ao normal’, sabemos que isso dificilmente acontecerá. A experiência de passarmos pela pandemia constituiu a todos nós, deixando suas marcas e vivências em cada sujeito. Podemos dizer ainda que ela já nos subjetiva e nos subjetivou, já adquirimos novos hábitos, descobrimos novas facetas, já não somos mais os mesmos...

Em suma, Foucault nos mostra que, [...] o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história, e uma história específica que não o reconduz às leis de um devir estranho” (2009, p. 144), com isso, podemos dizer que a pandemia tem modificado e reconfigurado uma outra velhice. A partir dos discursos e das práticas que se apresentam diante deste período vamos subjetivando, pouco a pouco, cada sujeito-velho e com isso modificando a história, seja nas formas de pensar, agir e até mesmo viver (SILVA; TAVARES,

2021). As reportagens que trouxemos nesse texto, atreladas às relações de poder que se estabelecem no tecido social, mostram a produtividade de outras formas de viver e compor a velhice em tempos pandêmicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer que a pandemia trouxe e ainda está trazendo muitas lições para o mundo inteiro. Apesar de sabermos que as classes marginais são mais afetadas por diversos fatores sociais e econômicos, nos deparamos com um vírus que não escolhe raça, classe social e nem gênero, ele atinge a todos, uns mais outros menos, mas todos nós estamos expostos ao perigo. Lima fala que “A humanidade nunca está preparada para uma grande transformação. A vida como um todo sempre foi organizada de forma a seguir seu rumo com relativa constância e tranquilidade, sem grandes surpresas” (2020, p. 25).

De uma maneira geral a pandemia nos mostrou que viver no ritmo acelerado que a vida nos exige acaba nos distanciando de nós mesmos; nos mostrou também que somos meros mortais vulneráveis e expostos às adversidades da vida. O valor que tem uma palavra de afeto e um abraço, a importância de preparar uma refeição e sentar à mesa com a família nos fazendo mais presentes com aqueles que amamos, nos mostrou também a importância da nossa liberdade e nos ensinou a ter mais empatia. Conforme Menes fala, “Ninguém sai ileso do caos, mas se olharmos para ele com atenção veremos que estamos sendo convocados a abandonar a inércia em que nos acomodamos, quem éramos não serve para resolver os problemas de agora [...]” (2020, p. 10). Em suma, essas reflexões nos mostram que somos capazes de ressignificar nossas feridas e seguir em frente.

Acompanhadas de Foucault, entendemos que a partir de um acontecimento se produzem discursos que vão nos subjetivando e nos produzindo como indivíduos concatenados a seu tempo. Com os sujeitos-velhos não é diferente e a pandemia, enquanto um acontecimento ímpar de nosso tempo, tem subjetivado os idosos e constituindo um(a) outro(a) velho(a), diferente daquele(a) de ontem e daquele(a) de amanhã. A cada dia a partir de pequenos acontecimentos e das chamadas ‘emergências’ vamos nos constituindo e nos enxergando enquanto pertencentes do mundo em que vivemos, com as condições que nos são postas e com as ‘armas’ que temos para lutar e para sobreviver.

Diante da emergência posta, percebemos o peso dos discursos proliferados e acionados para tentar estancar as consequências trazidas às pessoas por este vírus, de modo que a população se curvou diante deles aceitando métodos e tomando-os como ‘verdades’ para lidar com este período. A cada nova notícia e descoberta da ciência, estávamos prontos para recebe-la mesmo sabendo que tudo era muito incerto e alguns discursos poderiam não ser ainda os melhores, mas era o que naquele momento tínhamos para nos orientar. A ciência e a mídia aliadas à população foram extremamente importantes para que dia após dia se pudesse construir, modificar e disseminar os discursos dentro da sociedade para lidar da melhor forma possível, sobrevivendo, protegendo a si e a quem se amava.

Encontramos no Portal do Envelhecimento discursos que se produzem a partir de verdades estabelecidas e informações que instauram um valor de verdade a partir de um grupo de especialistas que chancelam tais ditos. Muitas dessas informações se tornam fundamentais para criação de hábitos e modos de vida. Por vezes, elas definem condutas e criam estratégias de controle e regulação no interior do cotidiano do idoso. Foucault (1982) nos mostra que atrelado ao poder está o saber e, sendo assim, ao olharmos para o Portal do Envelhecimento, podemos dizer que a relação poder-saber constitui o sujeito-velho moderno. A partir do Portal, também podemos dizer que condutas são conduzidas instituindo verdades para e sobre o sujeito-velho e normalizando a vida individual e coletiva.

Esse processo de subjetivação nunca cessa e, imiscuído a ele, os sujeitos ao longo da vida passam por jogos de poder e saber que vão pouco a pouco os constituindo, fazendo com que tomem e assumam para si determinados modos de ser e viver. Em tempos pandêmicos, vimos essas relações de poder agindo a partir dos discursos trazidos pelo Portal do Envelhecimento. Essa população foi ‘condicionada’ a muitas restrições e mudanças para que pudesse ter a chance de estar viva. Entremeada a relações de poder, o Portal colocado sob exame produziu verdades, discursos e modos de vida que paulatinamente foi produzindo subjetivações na velhice que se constitui no atual Brasil que temos para viver.

No entanto, é preciso também vermos o quanto reportagens como essas se tornam aliadas da população idosa no enfrentamento das experiências que temos tido com a COVID-19. Pensar sobre os problemas que enfrentamos, as vivências de saúde que temos e os possíveis modos de lidar com o que nos acomete pode contribuir para entendermos, minimamente, o que a pandemia tem nos trazido. Sabemos que muitos idosos perderam amigos, familiares, companheiros, companheiras, ou seja, uma grande parcela deste grupo foi

atingida. Cabe àqueles que ainda conseguem resistir, a esperança por dias melhores e a partir das lutas, das estratégias e das táticas diante desta pandemia, escreverem uma nova história. Outras subjetividades podem se produzir a partir de nossas experiências, talvez mereça nosso estranhamento para, quiçá, criar outras velhices possíveis.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Francineide. A educação e o uso das tecnologias midiáticas em tempos de ensino remoto, 2022. In: Anais do 9º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação / 6º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação. Canoas/RS. Disponível em: [https://www.sbecce.com.br/resources/anais/9/sbecce2022/1651086926\\_ARQUIVO\\_3b032531a4fa5b727be3ffa39eedc4a1.pdf](https://www.sbecce.com.br/resources/anais/9/sbecce2022/1651086926_ARQUIVO_3b032531a4fa5b727be3ffa39eedc4a1.pdf). Acesso em 02 de maio de 2023.

AGÊNCIA BRASIL, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/organizacao-mundial-da-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em 28 de ago 2021.

BARBOSA, Isabelle et al. Incidência e mortalidade por COVID-19 na população idosa brasileira e sua relação com indicadores contextuais: um estudo ecológico. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/84SR89v94tDTH3tdppdDjtj/?lang=pt#>. Acesso em 15 de set 2021.

BRANDÃO, Vera. Escritos dos/nos Tempos (pandêmicos). Web site Portal do Envelhecimento, 2020b. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/?s=escrita+dos%2Fnos>. Acesso em 21 de set 2021.

BRANDÃO, Vera. Você considera a pandemia um sinal de alerta? Web site Portal do Envelhecimento, 2020. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/?s=voc%C3%AA+considera+a+pandemia>. Acesso em 21 de set 2021.

BUSS *et al.* Promoção da saúde e qualidade de vida: uma perspectiva histórica ao longo dos últimos 40 anos (1980-2020). *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 25, n. 12, p.p 4723-4735, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/5BJghnvvZyB7GmyF7MLjqDr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 11 de maio de 2023.

CORREA, Marielle; HASHIMOTO, Francisco. Finitude, envelhecimento e subjetividade, 2012. Disponível em: [file:///D:/Usu%C3%A1rio/Downloads/17038-Texto%20do%20artigo-42095-1-10-20131023%20\(3\).pdf](file:///D:/Usu%C3%A1rio/Downloads/17038-Texto%20do%20artigo-42095-1-10-20131023%20(3).pdf). Acesso em 20 ago 2021.

DEUS? A FÉ EM TEMPOS DE PANDEMIA. Web site Portal do Envelhecimento, 2020. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/?s=deus%3F+a+f%C3%A9>. Acesso em 24 de set 2021.

DUARTE, Michael *et al.* COVID-19 e os impactos na saúde mental: uma amostra do Rio Grande do Sul, Brasil. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/ghSHWNYkP6gqJm4LQVhkB7g/?lang=pt>. Acesso em 12 de ago 2021.

ENTREVISTA SOBRE ESCUTA SOLIDÁRIA ÀS PESSOAS IDOSAS EM TEMPOS DE PANDEMIA. Web site Portal do Envelhecimento, 2020. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/?s=entrevista+sobre+escuta>. Acesso em 21 de set 2021.

ENVELHECIMENTO E COVID-19: O IMPACTO DAS COMORBIDADES NOS IDOSOS E A RELAÇÃO COMO O NOVO CORONAVÍRUS, 2019. Disponível em: <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/page/166-o-que-e-estagio>. Acesso em 19 de ago 2021.

ENXAQUECA, UMA DOENÇA CRÔNICA QUE AUMENTOU NA PANDEMIA. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/enxaqueca-uma-doenca-cronica-que-aumentou-na-pandemia/>. Acesso em 21 out de 2021.

FERREIRA, Teresa. A mídia e a sua influência na educação. 43 f. Monografia (Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) – Universidade Tecnológica do Paraná, Medianeira, 2018.

FONSECA, Márcio Alves da. Michel Foucault e a constituição do sujeito. São Paulo: EDUC, 2016.

FOUCAULT, M. Verdade e poder. In: *Microfísica do Poder*. Organização e introdução de Roberto Machado. 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 4-11.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. FOUCAULT, Michel. Foucault. In: *Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 234-239.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. IN: *Ditos e escritos, volume IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, pp.118-140.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul.; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault: Uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População: Curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Subjetividade e Verdade. Curso Collège de France (1980-1981)*. São Paulo: Editora WWF Martins Fontes, 2016.

GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. A visão da morte ao longo do tempo. *Medicina (Ribeirão Preto)* 2005; 38(1): 13-19.

GONÇALVES *et al.* Educação em saúde como estratégia de prevenção e promoção da saúde de uma unidade básica de saúde. *Braz. J. Hea. Rev.*, Curitiba, v. 3, n. 3, p. 5811-5817 mai./jun. 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/11122/9319>. Acesso em 30 de maio de 2023.

LEITZKE, Angélica *et al.* Estratégias biopolíticas de construção do corpo e vigilância da saúde: o caso “Medida Certa”, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/7QcVRPPYSrLzvVj9M8WYGXG/?lang=pt>. Acesso em 26 ago 2021.

LEMONS, Flavia Cristina *et al.* Problematizações das práticas de promoção à saúde a partir do biopoder. *Revista de Ciências Humanas*, v. 53, 2019, e39080.

LIMA, Caroline. *Pandemia da Covid-19: reflexões sobre a sociedade e o planeta*, 2020. Disponível em: [https://escolasuperior.mppr.mp.br/arquivos/Image/publicacoes/PandemiadaCovid-19Reflexoes\\_sobreasociedadeeoplaneta.pdf](https://escolasuperior.mppr.mp.br/arquivos/Image/publicacoes/PandemiadaCovid-19Reflexoes_sobreasociedadeeoplaneta.pdf). Acesso em 22 de set 2021.

LIMA, Caroline; MENES, Stefani; SIQUEIRA, Paulo *et al.* *Pandemia da Covid-19: reflexões sobre a sociedade e o planeta [recurso eletrônico]* / Organizador: Eduardo Cambi. — Documento eletrônico. — Curitiba : Escola Superior do MPPR, 2020.

MENES, Stefani. O futuro é promissor. In: *Pandemia da Covid-19: reflexões sobre a sociedade e o planeta*, 2020. Disponível em: [https://escolasuperior.mppr.mp.br/arquivos/Image/publicacoes/PandemiadaCovid-19Reflexoes\\_sobreasociedadeeoplaneta.pdf](https://escolasuperior.mppr.mp.br/arquivos/Image/publicacoes/PandemiadaCovid-19Reflexoes_sobreasociedadeeoplaneta.pdf). Acesso em 22 de set 2021.

NOGUEIRA, Denise *et al.* Educação em saúde e na saúde: conceitos, pressupostos e abordagens teóricas. *Sanare (Sobral, Online)*. v. 2, n. 21 p.p 101-109, 2022. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1669/842>. Acesso em 30 de maio de 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2021. Organização Mundial de Saúde. Covid-19. Disponível em: <https://www.who.int/>. Acesso em 19 de maio de 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Doença por coronavírus (COVID-19), 2020. Disponível em: [https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab_1). Acesso em 19 de jul 2021.

RIBOLI, Elisabetta, ARTHUR, Juliana, MANTOVANI, Maria de Fátima. No epicentro da epidemia: um olhar sobre a Covid-19 na Itália. *Cogitare enferm*, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/72955/pdf>. Acesso em 5 de maio de 2023.

ROMERO, Dalia *et al.* Idosos no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho 2021. Disponível em: <https://scielosp.org/article/csp/2021.v37n3/e00216620/>. Acesso em 19 de set 2021.

SANTOS, Daniel; LAGO, Mara. <https://www.scielo.br/j/psp/a/4vRNRZY9M5HjcJq4YPdVbBM/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 23 ago de 2021.

SANTOS, Pedro *et al.* Envelhecimento e covid-19: o impacto das comorbidades nos idosos e a relação como o novo coronavírus, 2019. Disponível em: <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/166-envelhecimento-e-covid-19>. Acesso em 8 de out 2021.

SILVA, Andréia; et al. O impacto psicológico da pandemia de COVID-19 nos acadêmicos de medicina da região de Carajás. *Braz. J. Hea. Rev*, Curitiba, v. 3, n. 6, p. 19731-19747, nov./dez. 2020.

SILVA, Marluce Pereira; TAVARES, Edgley Freira. Discurso, biopolítica e modos de subjetivação do idoso na pandemia. *Matraga*, v. 28, n. 53, p. 344-361, mai./ago. 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/56909>. Acesso em 22 out de 2021.

VERDI, Natália. A Covid-19 e a necessidade emergencial de se pensar sobre como se deseja o próprio fim, 2020. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/a-covid-19-e-a-necessidade-emergencial-de-se-pensar-sobre-como-se-deseja-o-proprio-fim/>. Acesso em 19 de set 2021.

VERDI, Natália. Como minimizar os impactos da pandemia em idosos. Web site Portal do Envelhecimento, 2020b. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/?s=como+minimizar+os+impactos>. Acesso em 18 de set 2021.

YOKOMIZO, Patrícia; LOPES, Andrea. As mídias como agentes de educação informal no envelhecimento: pistas para investigação. *Revista Mídia e Cotidiano*. V. 12, n. 3, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/13342/16056>. Acesso em 31 ago de 2021.



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).